

Manifestações da linguagem oral na escrita em nível discursivo/textual no gênero discursivo carta de apresentação

Manifestations of the oral language in writing considering the discursive/textual level in the discursive gender cover letter

Luciane WATTHIER*

UNIOESTE

Resumo: Trazemos, neste artigo, algumas reflexões que compuseram nossa tese de doutorado, cujo tema foi “manifestações da linguagem oral na escrita: aspectos discursivos/textuais e didáticos”. O objetivo da pesquisa foi analisar cartas de apresentação produzidas por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de quatro municípios da Região Oeste do Paraná e por alunos do 1º ano da graduação em Letras da UNIOESTE. Estabelecendo relações com a configuração dada ao conteúdo temático, construção composicional e estilo linguístico desse gênero discursivo por esses dois públicos, buscamos reconhecer como ocorrem, no plano discursivo/textual, as manifestações da linguagem oral na produção escrita do gênero carta de apresentação. Por fim, a partir desse reconhecimento o objetivo foi propor encaminhamentos didático-metodológicos para o trabalho com esse tema. Para este texto em específico, nosso foco é a apresentação de reflexões comparativas entre os textos produzidos pelos dois públicos investigados, bem como discorrer brevemente sobre as atividades de reescrita que desenvolvemos para trabalho com essas manifestações da linguagem. Além disso, apresentamos resposta às perguntas que guiaram o desenvolvimento da pesquisa. Trata-se de uma investigação qualitativa em pesquisa educacional, do tipo descritiva e interpretativa-crítica, com base no dialogismo e no interacionismo.

Palavras-chave: Manifestações da linguagem oral na escrita. Nível discursivo/textual. Ensino da Língua Portuguesa.

Abstract: In the following article, we bring some reflections that composed our doctoral dissertation, which theme was “manifestations of the oral language in writing considering the discursive/textual level in the discursive gender cover letter”. The objective of the research was to analyze cover letters written by students from the fifth year of elementary schools of four municipalities from the west region of Paraná and by the 2013 class of linguistic arts from UNIOESTE. Establishing relations with the understanding given by these two groups when it comes to the thematic content, compositional construction and linguistic style of this discursive gender, we intend to reflect on how the manifestation of the oral language happens in the discursive/textual level, considering the writing of the cover letter genre. Finally, following this recognition, the objective was to suggest methodological considerations for the work with this theme. To this specific text, our focus is to

* Doutora em Letras;
Professora da
Unioeste e da Rede
Estadual de Ensino
do Paraná. E-mail:
Lu.letras@hotmail.
com

present comparative reflections between the texts produced by these two analyzed groups, as well, to reflect briefly about the rewriting activities we developed in order to consider these manifestations. Besides, we present answers to the questions which guided the development of the research. It's a qualitative, descriptive and critical-interpretative investigation in education research, based on the dialogism and in the interactionism.

Keywords: Manifestations of the oral language in writing. Discursive/textual level. Portuguese Language teaching.

Introdução

Neste artigo, trazemos alguns recortes de nossa pesquisa de doutorado, cuja pesquisa centrou-se no tema “manifestações da linguagem oral para a escrita no nível do discurso em produções escritas”. Optamos por investigar a escrita de dois públicos distintos: alunos do 5º ano do ensino fundamental e do 1º ano do curso de graduação em Letras, observando como a linguagem oral se manifesta em produções escritas em contextos formais de uso linguístico. Assim, pudemos construir uma análise comparativa entre tais textos, observando como a linguagem oral se manifesta na escrita de cada um desses públicos e, por fim, desenvolver uma unidade didática para explorar esse tema em sala de aula, por meio de atividades de reescrita textual. Nosso foco não foi olhar para essas manifestações na palavra, mas, para o nível do texto e do discurso, rastreando como tais marcas se revelam.

Para essas análises, selecionamos o gênero discursivo carta de apresentação. Por meio da produção escrita de textos desse gênero, nós, professoras, poderíamos nos colocar como interlocutoras dos textos que seriam produzidos, tendo em vista a situação de produção (alunos que escrevem a uma professora que acabaram de conhecer). Tínhamos, assim, um gênero discursivo concretizado naquele momento em que os dados seriam gerados, proporcionando, ao mesmo tempo, a interação entre interlocutores reais.

A análise realizada considerou três planos de análise: em um primeiro momento, analisamos os textos discursivamente, atentando para a configuração dada ao gênero carta de apresentação por esses dois públicos, ao focalizar seu conteúdo temático, estilo linguístico e construção composicional. Em um segundo momento, identificamos as manifestações da linguagem oral na escrita no nível discursivo/ textual, analisando-as na perspectiva de compreender esse fenômeno. Ao fazermos isso, olhamos para textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental e por graduandos em Letras, de forma a conferir quais marcas da linguagem oral permanecem na escrita, nesse nível de ensino. E, num terceiro momento, refletimos sobre encaminhamentos metodológicos dados pelos professores do 5º ano (das turmas onde os

textos foram produzidos) em relação a essa temática. A partir dessa análise, desenvolvemos uma proposta metodológica para trabalhar esse conteúdo.

Assim, pudemos responder às seguintes perguntas de pesquisa: *Como alunos de 5º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano da graduação em Letras configuram o gênero carta de apresentação? Quais são as principais manifestações da linguagem oral na escrita de textos produzidos por alunos do 5º ano do ensino fundamental? Essas marcas tendem a desaparecer no nível superior? Como os professores abordam as manifestações da linguagem oral em textos escritos em sua prática pedagógica em sala de aula? Como nós, professores/pesquisadores, podemos contribuir didaticamente com questões relacionadas às manifestações da linguagem oral na escrita?*

Os recortes supracitados centram-se, mais especificamente, em reflexões comparativas entre os textos produzidos pelos dois públicos investigados. De forma mais breve, discorreremos sobre as atividades de reescrita que desenvolvemos para trabalho com as manifestações da linguagem oral na escrita em nível discursivo/textual. Além disso, embora não possamos apresentar, neste momento, todas as análises realizadas, optamos por trazer as respostas às perguntas de pesquisa que guiaram nosso estudo de doutorado, como forma de refletir sobre o trabalho realizado.

Importante frisar que este artigo faz parte de um projeto de pesquisa maior, intitulado *Formação continuada para professores da educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região Oeste do Paraná* e inscrito no Programa Observatório da Educação (doravante, OBEDUC) – CAPES/INEP. Tal projeto foi desenvolvido em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel, entre os anos de 2011 e 2015.

Manifestações da linguagem oral na escrita

O estudo realizado pautou-se nas teorias bakhtinianas. Assim, concebemos a língua como social, dinâmica e dialógica, que se realiza por meio da oralidade e da escrita. Os usos linguísticos, tanto orais quanto escritos, variam nas mais diversas práticas discursivas, de modo que apresentam diferentes estilos e variedades linguísticas, de acordo com a situação de interação. No entanto, de acordo com o contexto social da interação verbal (quem fala, para quem, os papéis sociais dos interlocutores, onde fala, quando e por meio de qual gênero discursivo), algumas ocorrências de linguagem podem ser consideradas inadequadas. Falamos, especificamente, de recursos próprios da linguagem oral que se manifestam em textos formais escritos que, em uma determinada condição de uso, não admitem tais manifestações. Como exemplo, destacamos o gênero carta de apresentação. No contexto de produção criado para a geração dos dados da pesquisa, exigia o emprego da língua escrita formal, pois eram alunos que escreviam para uma professora

que haviam acabado de conhecer. Logo, não seriam adequadas as manifestações da linguagem oral na escrita.

Para compreender o que são as manifestações da linguagem oral na escrita, precisamos considerar o domínio da língua portuguesa pela criança quando chega à escola, mesmo que em contextos informais. Dessa forma, o papel da escola será ampliar seu conhecimento e desenvolver, também, o domínio da língua escrita. Nesse processo, aparecem as manifestações da linguagem oral. Tais ocorrências se justificam porque, ao não dominar a língua escrita e, tampouco, estilos linguísticos mais comuns a contextos de interação formal, é inevitável, para o aluno, utilizar uma linguagem própria de sua cultura oral, comum em seu dia-a-dia, mesmo que esse uso seja inadequado para o contexto social daquele momento de uso.

Sobre isso, Koch e Elias explicam:

Na fase inicial de aquisição da escrita, a criança transpõe para o texto escrito os procedimentos que está habituada a usar em sua fala. Isto é, continua a empregar em suas produções os recursos próprios da língua falada. Somente com o tempo e com a intervenção contínua e paciente do professor é que vai construir seu modelo de texto escrito. (KOCH; ELIAS, 2011, p. 18).

Entretanto, seria um equívoco justificar essas ocorrências na dicotomia entre a língua oral e escrita. Pelo contrário: está imbricado, nessa afirmação, o fato de que, na escola, a criança entrará em contato com outras variedades da língua portuguesa, tanto na oralidade quanto na escrita. E, durante esse longo processo, a aquisição da língua escrita formal acontecerá de forma gradual e contínua. Assim, os traços mais comuns da oralidade presentes na escrita serão, aos poucos, eliminados, conforme a criança for compreendendo que há diferentes usos de linguagem, que determinam escolhas lexicais próprias para cada contexto de interação.

Nessa perspectiva, as manifestações da linguagem oral na escrita não são “erros”, mas tentativas de acertos imbricadas no processo de aprendizagem da língua. Portanto, não se trata simplesmente de “limpar, extirpar da escrita o que é percebido como resíduo ou ‘interferência’ da oralidade, e o de reproduzir uma dada ‘lógica’ institucionalizada de composição do texto” (SIGNORINI, 2001, p. 114, grifos da autora). Falamos de proporcionar, ao aluno, reflexões sobre a sua linguagem, para que ele possa compreender que, por meio da interação, constrói-se continuamente o conhecimento da linguagem.

Compreendemos, pois que a escrita não é uma representação fonética da oralidade. Ela não representa fielmente a linguagem oral, pois, embora com várias características organizacionais em comum, nem todas as ocorrências da oralidade podem ser traduzidas na escrita. Há gêneros próprios da oralidade, há outros próprios da escrita, cada qual com seus

estilos próprios e regras relativamente estáveis de construção. Além disso, há recursos próprios da oralidade que não podem ser transpostos para a escrita, como, por exemplo, gestualidade, tom da voz, expressões faciais. Há, também, recursos próprios da escrita que não podem ser transpostos à oralidade, como a pontuação, paragrafação e outros recursos de escrita (sublinhado, negrito, fontes em destaque etc.).

Ao analisarmos as manifestações da linguagem oral na escrita, atentamos para o nível discursivo/textual, uma vez que procuramos abordar as marcas textualmente visuais, mas que acabam interferindo na construção do discurso. Assim, buscamos compreender como essas ocorrências se refletem no discurso de um modo geral, bem como na coesão e na coerência das cartas de apresentação. Nesse sentido, assinalamos nossa compreensão de discurso, a qual está baseada em Bakhtin (2004[1929]) e em sua concepção dialógica de linguagem: discurso engloba, lado a lado, o linguístico e o não linguístico do texto, ou seja, a parte escrita (o texto propriamente dito) e o contexto social daquela interação.

Manifestações da linguagem oral na escrita: algumas reflexões

A partir da análise de 51 cartas de apresentação (42 produzidas por alunos do Ensino Fundamental e 09, do Ensino Superior), demonstramos as diferentes manifestações da linguagem oral na escrita. Assim, foi necessário estabelecermos algumas categorias de análise. São elas: Sequência das ideias (superposições, frases inacabadas, correções ou paráfrases, parentizações); Distintas formas de encadeamento das ideias; Repetição do mesmo léxico; Uso constante de *a gente* no lugar de *nós*; Uso de gírias; Marcas de regionalismos; Emprego dos marcadores conversacionais (ou expressões fáticas); Interjeições; Expressões coloquiais da cultura oral dos alunos; Ausência de sinais de pontuação e uso de marcações diferenciadas de pausas.

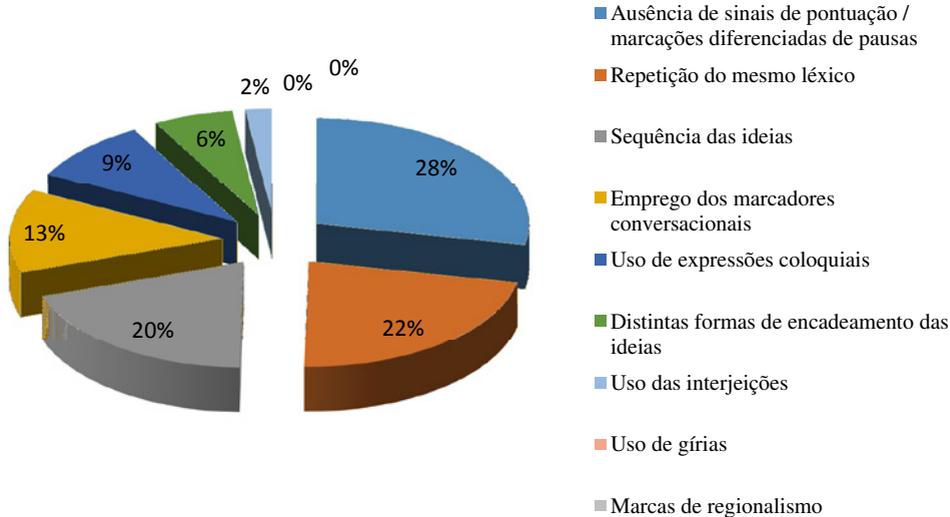
A partir da análise das cartas do Ensino Fundamental, constatamos que, entre a maioria dos alunos dessa fase de ensino, há ainda um nível acentuado de dificuldade quanto à compreensão de usos mais adequados para cada estilo linguístico, tendo em vista o gênero selecionado para cada contexto social de interação.

Nesse sentido, segundo Bakhtin (2010[1979]), todo enunciado tem seu estilo, conteúdo temático e construção composicional determinados tanto pelo conhecimento linguístico do falante quanto por sua visão de mundo, emoções, ideologias e juízos de valor. E, de acordo com Bagno (2007), dispomos de diferentes estilos linguísticos para produzir os enunciados. Em outras palavras, as interações apresentam diferentes níveis de planejamento discursivo/textual, o que demanda escolhas temáticas, estilísticas, lexicais e gramaticais. Tais níveis estão, de forma direta, relacionados ao contexto social, já que são os interlocutores, o objetivo, a função social

por nós exercida, o momento e o local em que se dá a interação e, ainda, o gênero discursivo que definem o estilo linguístico mais adequado para cada momento de uso da linguagem.

O gráfico a seguir demonstra quais foram as maiores dificuldades quanto à adequação da linguagem ao contexto social de produção das cartas de apresentação:

Gráfico 1 - Manifestações da linguagem oral na escrita – principais ocorrências nas cartas do Ensino Fundamental



O gráfico apresenta as dificuldades dos alunos, por ordem decrescente, sendo que a principal delas é a ausência de sinais de pontuação / marcações diferenciadas de pausas. O conhecimento linguístico-discursivo deve ser ampliado entre nossos alunos, de modo que reconheçam a necessária adequação da linguagem ao contexto de interação. Todavia, acreditamos que esse conhecimento ocorra de forma gradativa na aprendizagem dos alunos e em seu desenvolvimento como sujeitos. Para isso, são importantes práticas de leitura, produções textuais de gêneros discursivos orais e escritos e análise linguística, conforme proposto por Geraldi (1997) e pelos documentos oficiais (PARANÁ, 2008 e BRASIL, 1998), com base nas concepções dialógicas e interacionista de linguagem.

A primeira categoria de análise para a qual olhamos no estudo das cartas de apresentação de nossos dados de pesquisa foi a sequência das ideias. Partimos, pois, da premissa de que entre a linguagem oral e escrita há distintas formas de organização das interações: na primeira, por acontecer em tempo imediato e, muitas vezes, pelo fato de os interlocutores dividirem o mesmo espaço social, há uma preocupação menor com o planejamento linguístico. Assim, um subtema leva a outro de forma muito rápida, às vezes

para observações que se distanciam da ideia principal que está sendo desenvolvida. Além disso, as pausas são marcadas por hesitações no próprio ritmo de fala. Por outro lado, a linguagem escrita, em contexto formal, requer um nível de planejamento maior e, por isso, em situações formais de interação, normalmente as pausas precisam ser bem marcadas, por meio da pontuação, e não há diferentes subtemas sendo tratados em um mesmo período. Nesse sentido, consideramos que as características elencadas em relação à linguagem oral, quando inseridas na linguagem escritas, em contextos formais de interação, caracterizam-se como manifestações da linguagem oral nem sempre adequadas a esse contexto.

Em relação a essa categoria, verificamos a ocorrência de inadequações quanto à sequência de ideias em um total de 34 cartas, sendo 29 do ensino fundamental, o que representa 69% dos textos produzidos, e 05 da graduação, número representativo de 55% das cartas analisadas. Em outras palavras, predominou uma dificuldade maior de organização do texto quanto à referida categoria entre os alunos do Ensino Fundamental. Todavia, destacamos um percentual elevado dessa manifestação nas cartas dos alunos da graduação. Isso nos surpreendeu, pois nas cartas de graduação essa categoria de manifestações da linguagem oral na escrita não deveria mais ocorrer em um gênero discursivo e em um contexto de produção que pedem uma escrita formal, tendo em vista o domínio linguístico que esses alunos já necessitariam ter sobre o sistema da língua e sobre o gênero discursivo em questão.

A segunda categoria de análise para a qual olhamos nas cartas de apresentação foram as distintas formas de encadeamento das ideias. Nessa perspectiva, falamos da coesão sequencial, ou seja, da interligação entre as ideias que compõem o discurso. Tanto na linguagem oral quanto escrita há elementos que colaboram para a construção da coesão sequencial do texto. Entretanto, quando se trata de contextos formais de interação, prioriza-se o uso de elementos coesivos mais complexos, reconhecidos gramaticalmente como tais. Já em interações orais, principalmente em situações informais, utilizamos elementos distintos para a construção coesiva do discurso, próprios dessa modalidade de utilização da língua, às vezes não reconhecidos gramaticalmente por cumprirem essa função, como é o caso da repetição lexical e de elementos como “aí”, “então”, “daí” e “pra daí”. Inseridos em contextos formais de interação, tais elementos fornecem-lhes características informais, motivo pelo qual, nesses contextos, os reconhecemos como manifestações da linguagem oral na escrita.

Verificamos, pois, essa ocorrência em treze cartas de nosso *corpus* de pesquisa: nove do Ensino Fundamental e quatro do Ensino Superior, o que representa, respectivamente, 21% e 44%. Assim, nessa categoria de análise, a graduação surpreendeu pelo maior número de ocorrências. No entanto, quanto à maior diversidade de formas de encadeamento, o público que se destacou foi o Ensino Fundamental, em cujas cartas observamos a repetição

lexical exercendo tal função e, também, elementos como “em primeiro lugar” (deslocados do início do texto), “aí”, “daí”, “pra daí”, “agora”. Além disso, em muitas cartas, a única forma de coesão observada foi o uso do “e”, repetidas vezes. Por outro lado, nas cartas do Ensino Superior, constatamos apenas a repetição lexical e elementos como “aí” e “então”.

A terceira categoria analisada nas cartas de apresentação foi a repetição do mesmo léxico, novamente um aspecto relacionado à coesão textual, pois a ocorrência dessa categoria também colabora para a retomada de informações, embora o faça de uma forma inadequada em alguns contextos de interação formal escritos. Reconhecemos, pois, que a repetição lexical (quando não utilizada como ênfase ou recurso estilístico) dá ao texto escrito características comuns à linguagem oral, revelando uma menor preocupação quanto ao seu planejamento linguístico. Isso porque, se olharmos para interações em contextos informais, a repetição lexical é comum, pois a utilização de muitos referentes, nesse contexto, poderia levar, inclusive, a uma maior dificuldade do interlocutor para a construção do sentido do enunciado. Trata-se, portanto, de mais um aspecto que demonstra a manifestação da linguagem oral na escrita, que torna o texto cansativo para qualquer leitor, quando empregado em demasia.

Observamos que, entre as cartas analisadas, a repetição lexical foi constatada em 38 cartas: 33 no Ensino Fundamental (78% das cartas analisadas nesse nível de ensino) e cinco na graduação (55% dos textos por esses alunos produzidos). Dessa forma, mais uma vez podemos afirmar que há um maior nível de dificuldade entre os alunos do Ensino Fundamental, o que consideramos normal nesta fase de ensino, pois acreditamos que esses alunos tenham um menor repertório linguístico para a utilização de referentes em seus textos e, por isso, desenvolveram a repetição lexical para auxiliá-los na explicitação do tema. Porém, pressupunhamos que os alunos da graduação não incorreriam tanto nessa forma de manifestação oral na escrita, pois com os anos a mais de escolaridade, esperávamos que seu nível linguístico fosse mais amplo, de modo que não houvesse a repetição do mesmo item lexical desnecessariamente.

Em nossas análises, também olhamos para o uso constante de “a gente” no lugar de “nós”. Trata-se de uma escolha lexical crescente na interação oral informal, sendo, ainda, inadequada para situações formais de linguagem escrita. Nessa categoria de análise, constatamos apenas duas ocorrências entre as cartas do Ensino Fundamental, ou seja, 4%, e nenhuma nos textos produzidos pelos alunos do Ensino Superior. Podemos, pois, reconhecer um maior domínio do uso de “nós” em contextos formais de interação entre os alunos da graduação. No entanto, devemos, também, considerar, o fato de que a carta de apresentação é um gênero cujo discurso, normalmente, trata apenas de seu autor, utilizando, para tal, a primeira pessoa “eu”. Compreendemos,

assim, que tal aspecto talvez tivesse aparecido com maior frequência em gêneros discursivos que se caracterizam pelo uso da terceira pessoa.

Em relação ao uso de gírias, consideramos que cada grupo social possui expressões próprias, as quais são constituintes de sua cultura. Dessa forma, trata-se de usos adequados apenas nesses contextos e em situações informais de interação, motivo pelo qual, inseridas nas cartas de apresentação, cujo contexto de produção pedia estilo linguístico mais formal, seu uso é inadequado. Entre as cartas analisadas, não observamos o emprego desse recurso. Nesse sentido, há uma preocupação quanto ao uso de uma linguagem comum a todos os grupos sociais, devido à compreensão de que o uso de gírias é inadequado para contextos formais de interação verbal, oral ou escrita.

Quanto às marcas de regionalismo, entre todas as cartas analisadas, manifestou-se em apenas um texto produzido por um aluno da graduação. A ocorrência citada em relação a essa categoria se caracteriza como um caso de rotacismo, ou seja, da troca de /l/ por /r/. Entretanto, pode se tratar apenas de uma dificuldade de ordem fonética e não de um regionalismo.

Em nossas análises das cartas de apresentação, olhamos, também, para os marcadores conversacionais. Para tal, nos pautamos em Marcuschi (1989). É uma ocorrência mais comum para a linguagem oral informal ou para gêneros discursivos como a carta pessoal, realizando a interligação entre os enunciados e marcando o envolvimento dos interlocutores no discurso. Na carta de apresentação deveria prevalecer a linguagem formal devido ao seu contexto formal de interação. No entanto, houve, tanto por nossa parte quanto pelos alunos, uma tentativa de marcar uma interação direta, gerando uma maior ocorrência da utilização de marcadores conversacionais. No entanto, salientamos que nas cartas de apresentação recebidas pelos alunos esse recurso também foi empregado e isso pode ter motivado essas ocorrências no Ensino Fundamental.

Nas 51 cartas analisadas, o uso de marcadores conversacionais foi verificado em um total de 25 cartas. Trata-se de um recurso que se destacou entre os textos produzidos pelos alunos da graduação em Letras: 06 textos (representando 66%). Entre os textos do Ensino Fundamental, ele ocorreu em 19 cartas (45%). Tal ocorrência pode ser justificada nas características do gênero discursivo carta, pelo fato de que esta é, normalmente, produzida em resposta a outro texto e/ou na expectativa de que a mesma seja respondida. Dessa forma, essa esperada troca de interlocutores é representada pelos marcados conversacionais.

Outra categoria analisada foi o uso das interjeições, recurso que pode auxiliar na construção da coesão sequencial e revelar emoções dos interlocutores. Nas cartas, esse recurso foi utilizado para exercer a primeira função exposta: interligar enunciados, demonstrando que o sujeito que fala lembrou-se de dizer algo. Com essa função, as interjeições são adequadas

para situações informais de interação. Quanto à linguagem escrita, em contextos formais, trata-se de um recurso inadequado, revelando características informais, como um menor planejamento do discurso, tanto em relação às escolhas lexicais quanto à organização deste. Trata-se, portanto, de mais um meio pelo qual a linguagem oral se manifesta na escrita.

Entre as 51 cartas analisadas, as interjeições foram visualizadas apenas em duas cartas produzidas pelo Ensino Fundamental, o que representa 4,7% dos textos desse público. Já nas produções de alunos do Ensino Superior, tal recurso não foi utilizado, revelando um maior domínio da linguagem escrita e compreensão do que é mais adequada para cada situação de interação.

Olhamos, também, nas cartas, para o uso de expressões coloquiais comuns na cultura oral desses alunos. Constatamos esse recurso em 17 textos: catorze do Ensino Fundamental (33,3%) e três do Ensino Superior (também, 33,3%). Assim, o nível de dificuldade foi o mesmo entre os dois públicos investigados. Compreendemos que se trata de manifestações da linguagem oral na escrita, pois são usos próprios de estilos linguísticos informais, principalmente em situações de linguagem oral.

Por fim, analisamos a ausência de sinais de pontuação e uso de marcações diferenciadas de pausas. Já apontamos ser essa a maior dificuldade quanto à linguagem escrita desses alunos, uma vez que inadequações quanto a esse recurso foram observadas em 100% dos textos do Ensino Fundamental e 88% das cartas produzidas pelos alunos da graduação em Letras. As inadequações e/ou falta de pontuação podem ser compreendidas como manifestações da linguagem oral na escrita. Trata-se de um recurso que colabora para a construção de sentido e, ainda, dá ritmo e organização ao texto. Sobretudo na graduação em Letras, esse número não deveria ser tão elevado, uma vez que tal recurso, nesse nível de ensino, já deveria ser dominado pelos alunos.

Fechando essas observações, ainda numa visão de análise comparativa: de forma quantitativa e qualitativa, a maior dificuldade foi observada nos textos dos alunos do Ensino Fundamental, o que já esperávamos. Quantitativamente, de dez categorias analisadas quanto às manifestações da linguagem oral na escrita no nível discursivo/textual, sete tiveram maior número de ocorrências entre textos do Ensino Fundamental, uma teve o mesmo número de ocorrências nos dois níveis de ensino e duas prevaleceram na graduação. Qualitativamente, ou seja, olhando para a variedade de ocorrências observadas em cada categoria, o Ensino Fundamental se destacou em todas elas.

Tais observações nos permitem perguntar: “*essas marcas tendem a desaparecer no nível superior?*” Por meio da pesquisa, não podemos afirmar que as manifestações da linguagem oral na escrita desaparecem no Ensino Superior e que os alunos passam a dominar completamente quais usos linguísticos são mais adequados para contextos formais e informais

de interação. Mas, por outro lado, ao chegar à graduação, há uma redução bem significativa de tais ocorrências, tanto de forma quantitativa quanto qualitativa, o que se justifica por todo o processo de estudo pelo qual já passaram esses alunos, aumentando seu domínio e repertório linguístico. Supomos que, até o final desse nível de ensino, haverá uma diminuição ainda maior, talvez a ponto de não serem mais empregadas em contextos e gêneros discursivos nos quais seriam consideradas inadequadas. E, a partir do breve levantamento que fizemos em relação às manifestações da linguagem oral na escrita nos níveis fonético e morfossintático, acreditamos que a eles se aplique essa mesma observação e suposição.

Proposições de trabalho

Diante das constatações realizadas, necessitamos perguntar: o que fazer diante dessas constatações? Como conduzir o ensino de modo que essas dificuldades de manifestação da linguagem oral para a escrita em contextos inadequados sejam trabalhadas? Na perspectiva de contribuirmos com o ensino, desenvolvemos uma unidade didática para trabalho com essa temática por meio da reescrita textual. Sugerimos que antes de abordar as dificuldades específicas apresentadas nessa carta, é importante conversar sobre o gênero discursivo e seus elementos constituintes (conteúdo temático, estilo linguístico e construção composicional). Sendo a interação verbal a realidade fundamental da língua, esse olhar exige considerá-la em conjunto com a estrutura individual da enunciação concreta (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004[1929]). Assim, é preciso considerar a “singularidade dos sujeitos em contínua constituição e sobre a precariedade da própria temporalidade, que o específico do momento implica” (GERALDI, 1997, p. 06). Dessa forma, todo trabalho com a linguagem deve estar pautado em um gênero discursivo, o qual se inscreve em um determinado contexto social, que, por sua vez, deve ter suas características consideradas nas reflexões linguísticas.

As atividades desenvolvidas¹ propõem os seguintes passos de trabalho:

- Trabalhando com o contexto de produção e o conteúdo temático da carta de apresentação;
- Reconhecendo a carta de apresentação quanto a seus elementos composicionais;
- Trabalhando com a construção composicional da carta de apresentação;
- Trabalhando com o estilo linguístico da carta de apresentação e as manifestações da oralidade na escrita;
- Proposições didáticas para o trabalho com as dificuldades ortográficas;
- Reescrita da carta de apresentação.

¹ Por questões de espaço, não foi possível publicarmos essa unidade didática neste artigo. Sugerimos, porém, que elas sejam buscadas em nossa tese de doutorado, conforme referências.

Apresentamos apenas uma possibilidade de trabalho, oriunda do recorte que fizemos na pesquisa. Outras propostas também podem ser viáveis

e contribuir para alargar o conhecimento dos professores e alunos quanto ao reconhecimento das manifestações da linguagem oral na escrita.

Respondendo às perguntas de pesquisa

Nesta seção, retomamos as perguntas de pesquisa que nortearam nosso estudo e as respondemos, ao mesmo tempo em que apresentamos alguns comentários em relação a elas.

No primeiro capítulo de nossa tese, apresentamos nossos dados de pesquisa e discorremos sobre a produção deles. Além disso, trouxemos nossas escolhas metodológicas a partir das perguntas e dos objetivos traçados. No decorrer das investigações, defendemos a tese de que as manifestações da linguagem oral na escrita podem ser justificadas pelo contexto social em que vivem os autores das cartas de apresentação. Esse conhecimento nos permite compreender melhor as dificuldades apresentadas pelos alunos na escrita, principalmente no que se refere a tais manifestações. Ademais, por termos como anseio principal apresentar colaborações para o ensino de língua portuguesa e por contextualizarmos os problemas da pesquisa em práticas discursivas de uso da linguagem, circunscrevemos a pesquisa no arcabouço teórico da Linguística Aplicada. Com essa preocupação em relação às dificuldades no uso da linguagem e buscando interpretá-las, a pesquisa se delineou qualitativa, do tipo descritiva e crítico-interpretativa.

Assim, embasadas teórico-metodologicamente, no segundo capítulo, analisamos a dimensão social do gênero carta de apresentação, sustentadas na compreensão de que o discurso está imbricado com o texto e vice-versa. Dessa forma, olhamos para a configuração dada pelos autores das cartas aos três elementos composicionais do gênero discursivo: conteúdo temático, estilo linguístico e construção composicional. Com esse procedimento, procuramos responder à seguinte pergunta de pesquisa: *Como os alunos de 5º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano da graduação em Letras configuram o gênero carta de apresentação?* Esse questionamento direcionou a análise que, por sua vez, nos permitiu algumas considerações.

As produções do 5º ano, pelo fato de os alunos ainda estarem em fase inicial de escolarização e seus usos da linguagem serem predominantemente informais, são mais simples e menos elaboradas (quanto ao conteúdo temático, construção composicional e estilo), configurando-se, ainda, como uma tentativa de produção e acenando para a necessidade de mais trabalhos em sala de aula voltados a esse gênero discursivo.

Os alunos da graduação apresentam, também, dificuldades relativas ao conteúdo temático, construção composicional e estilo do gênero, porém, em graus distintos.

Traçando um comparativo entre as cartas desses dois públicos, quanto ao conteúdo temático, houve, pela maioria dos alunos da graduação, a

seleção de assuntos mais adequados à situação. Já na construção composicional desses textos, percebemos uma dificuldade maior ou, talvez, a ideia equivocada de que a estrutura da carta fazia-se desnecessária naquele momento. O mesmo aconteceu em relação ao estilo: apesar de, em alguns textos, ainda predominar a linguagem informal, há, na graduação, a escrita de termos mais elaborados e próprios ao gênero;

Os textos da graduação, em comparação às cartas do 5º ano, trazem um estilo linguístico que se aproxima mais do estilo utilizado na carta produzida na esfera comercial, embora façam parte, nesse contexto, da esfera acadêmica;

Todas as cartas atenderam à finalidade do gênero discursivo, porém, de formas distintas. Na realização das análises, pudemos perceber, também, o dialogismo: a presença de outras vozes na voz do locutor, com as quais eles dialogaram, ora de forma harmoniosa, ora não.

No terceiro capítulo, exploramos o nível discursivo/textual das cartas de apresentação e, a partir do questionário socioeconômico, analisamos, primeiramente, as cartas selecionadas quanto às manifestações da linguagem oral na escrita. Posteriormente, realizamos esse mesmo estudo nos textos produzidos pelos alunos da graduação para, por fim, construir uma análise comparativa quanto aos dados levantados entre os textos desses dois públicos. Dessa forma, procuramos responder às seguintes perguntas de pesquisa: *Quais são as principais manifestações da linguagem oral na escrita de textos produzidos por alunos do 5º ano do ensino fundamental? Essas marcas tendem a desaparecer no nível superior? A seguir, apresentamos, algumas de nossas constatações.*

Entre os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, há, ainda, um nível acentuado de dificuldade quanto à compreensão de usos mais adequados para cada estilo linguístico, ou seja, para cada contexto social em que interagem.

As maiores dificuldades dos alunos, por ordem decrescente, são: 1) pontuação; 2) repetição lexical; 3) sequência das ideias; 4) marcadores conversacionais; 5) expressões coloquiais; 6) distintas formas de encadeamento das ideias; 7) interjeições; e, por último, 8) uso de gírias e de regionalismos.

Os textos produzidos pelos alunos do município de Diamante do Oeste apresentaram o maior número de ocorrências em quatro das dez categorias analisadas: sequência das ideias, suas distintas formas de encadeamento, repetição do mesmo léxico e de expressões coloquiais. Sabemos que muitos fatores contribuem para isso, como nível econômico e cultural dos pais e grupo social em que convivem. Entretanto, isso pode ser justificado, também, por um desinteresse maior pelo estudo e pela leitura, em relação aos demais municípios.

O conhecimento linguístico desses alunos deve ainda ser ampliado: trata-se de compreender que, no contexto em que as cartas foram

produzidas, seria mais adequado o uso de estilos linguísticos mais formais, mais planejados.

As manifestações da linguagem oral na escrita em nível discursivo/textual não desapareceram em produções de alunos da graduação em Letras. Mas, por outro lado, há uma redução bem significativa de tais ocorrências, o que se justifica pelo processo de estudo pelo qual esses alunos já passaram, aumentando seu domínio e repertório linguístico.

Por fim, no quarto e último capítulo, partimos de uma reflexão sobre como os professores abordam didaticamente as manifestações da linguagem oral na escrita para realizar proposições didáticas. Assim, respondemos aos questionamentos: *Como os professores abordam as manifestações da linguagem oral em textos escritos em sua prática pedagógica em sala de aula? Como nós, professores/pesquisadores, podemos contribuir didaticamente com questões relacionadas às manifestações da linguagem oral na escrita?* Concluimos, pois, que o nível discursivo/textual, quando se trata de abordar as manifestações da linguagem oral na escrita, fica, ainda, em plano bem reduzido em relação aos níveis fonético e morfossintático. Segundo informações coletadas por meio de um questionário aplicado aos professores do 5º ano do Ensino Fundamental, prevalecem preocupações com ortografias e pontuações “corretas” e com escritas na norma padrão da língua portuguesa.

O estudo realizado por meio da pesquisa deu-nos base para a construção de uma unidade didática para abordar as dificuldades dos alunos quanto às manifestações da linguagem oral na escrita. Ao fazermos isso, visamos à proposição de atividades de reescrita textual, tanto coletiva quanto individual. Defendemos que, por meio da análise linguística, os alunos podem retomar suas produções textuais, se assumirem como autores de seus textos e reescrevê-los adequadamente, tendo em vista seu contexto social de produção.

Considerações finais

O objetivo maior de nossa pesquisa de doutorado foi assim delineado: reconhecer como ocorrem, no plano discursivo/textual, as manifestações da linguagem oral na produção escrita do gênero carta de apresentação, produzidos por alunos de 5º ano (Ensino Fundamental) e do 1º ano do curso de graduação em Letras para, a partir desse reconhecimento, propor encaminhamentos didáticos que explorem tal fenômeno.

Acreditamos que o estudo nos proporcionou uma profícua reflexão em relação ao objetivo proposto, de modo que ampliou nossos conhecimentos sobre como a linguagem oral se manifesta nas produções textuais escritas e como podem ser abordadas didaticamente. Tendo, pois, proposto uma unidade didática, acreditamos ter respondido a nosso anseio de trazer colaborações para o ensino da língua portuguesa.

Almejamos, ainda, realizar novos estudos quanto às manifestações da oralidade na escrita, de modo a ampliar nossa compreensão acerca do tema e, sobretudo, visualizarmos novos caminhos para a abordagem didática das dificuldades de escrita decorrentes da manifestação da linguagem oral.

Concordamos, assim, com autores que defendem a formação continuada de professores. Nem como pesquisadores e, tampouco, professores, jamais teremos o conhecimento total necessário para nossa prática pedagógica. Em outras palavras, a formação é contínua e estamos em constante aprendizagem, seja por meio de textos teóricos, em diálogo com colegas de profissão e, até mesmo, com nossos alunos.

Por fim, é nosso intento que a pesquisa suscite muitas outras indagações e investigações, de modo que a linguagem oral seja efetivamente assumida pela escola como mais uma modalidade de uso que precisa ser ensinada.

Referências

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BAKHTIN, M. [1979]. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____; VOLOCHINOV, V. N. [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental – língua portuguesa. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (org.) **Português falado culto no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-322.

PARANÁ. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de Educação Básica do Estado do Paraná**. Secretaria de educação: Curitiba, 2008.

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. In: _____ (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 97 - 134.

Recebido em setembro/2016.

Aceito em janeiro/2017.